

Representação de Minorias: A “Reversão do Centro”

Fernanda Rodrigues de Figueiredo*

*O centro me expulsa, me expelle, me lança na periferia,
o centro da periferia me expulsa ainda mais para sua periferia.
À tarde, quando, às vezes, observo tais montanhas, penso
no que elas esconderiam do outro lado que não vejo, não alcanço.*

Jussara Santos

Em sua apresentação ao livro *De flores artificiais*, Ivete Lara Camargos Walty afirma que Jussara Santos expressa tecnologia, tradição e poesia na busca da palavra. A obra é uma coletânea de nove contos de linguagem simples e, por vezes, subjetividade poética diluída. Como temáticas, inscreve situações cotidianas de racismo e de discriminação de classe. São marcantes os desfechos surpreendentes, o trato com a palavra, que leva a momentos de encantamento poético, e a visão de mundo. Os personagens vão de pessoas simples, como D. Ercília a indivíduos mais complexos pelas reflexões e buscas que carregam, a exemplo da personagem narradora do conto “Das duas palavras ditas ao coronel”.

O olhar de Jussara Santos tece um ponto-de-vista negro, com uma linguagem carregada de poeticidade, que vai marcando com traçado forte suas reflexões sobre os seres periféricos (negros, pobres, mulheres, meninos de rua) e sua condição social. A temática negra surge pela via de um olhar agudo que vai das situações de preconceito à busca do indivíduo negro por um lugar na sociedade distinto do que lhe é imposto.

Em entrevista¹ ao Portal Literafro, Jussara Santos declara ter feito uma “reversão do centro”. E, de fato, a autora enfoca não o espaço do senso comum, aquele que é tido como central e mais importante, e a partir do qual desconsideram-se as manifestações culturais periféricas. Nesse sentido, constrói textos que falam dessa tensão e desestabilizam os estereótipos que recobrem as representações do Outro. Neste trabalho serão abordados três contos que ilustram a representação das minorias e a reversão do centro: “A vez da caça”, “Sob as asas de seda azul do Sr. Smith” e “Da barriga do abutre”.

O primeiro conto do livro traz o título sugestivo de “A vez da caça”. É a história de Mário, um escritor que, ao lado de Glória, companheira de trabalho, busca inspiração caçando meninos de rua. Numa noite, seu objeto de caça reage: um menino permanece parado, em silêncio e inerte frente às ameaças dos caçadores. Outros meninos se juntam a este. As crianças tiram as botas de Mário e de sua companheira, que voltam para casa descalços e a pé, pois os carros haviam desaparecido. A existência destes meninos incomodava, “cortava a paisagem”. “Mário sabia que fora caçado, sabia que não mais escreveria e que não mais caçaria”(p. 24). Daí em diante, o caçador saíria todas as madrugadas sozinho, procurando encontrar aquela legião que o enfrentara. A quebra da imagem estereotipada dos meninos de rua se dá pelo questionamento:

[...] havia uma legião de meninos atrás deles. Uma legião de meninos negros ou seriam pardos? Ou seriam mulatos? Ou seriam brancos? Ou não seriam meninos? Havia também meninas; meninas pardas, meninas mulatas, meninas negras. Ou também não seriam meninas? Estavam todos lá e Mário

¹ Entrevista ao portal Literafro, no dia 18 de março de 2005.

lembrou-se do rosto de cada um e uma, lembrou-se até dos que, eventualmente, havia matado e que não sabia como podiam estar ali. (SANTOS, 2002, p. 23, grifos meus).

Os meninos de rua, antes presas de matadores urbanos, reagem à coerção e tomam o controle. O conto enfoca a reversão e as possibilidades de reação de um grupo minoritário. Os caçadores vêem suas vítimas crescerem, a própria expressão de luta nos rostos que só exibiam medo e angústia. É uma metáfora que pode ser lida como representação não apenas de um grupo – os meninos de rua – mas de várias minorias, sobretudo devido ao questionamento dos estereótipos.

Em “Sob as asas de seda azul do Sr.Smith”, a narrativa inicia com o vôo suicida do personagem, que sofre situações de preconceito, abordagem policial violenta e humilhante, e a supressão de suas vontades, como deixar o cabelo crescer, poder trançá-lo e assumir sua aparência negra. Para tentar livrar o filho da discriminação, a mãe ensina que o mais seguro é ter a aparência que a sociedade espera. E ele segue a vida preso à negatividade e aos constrangimentos da sociedade racista, que, por fim, o conduzem ao vôo fatal.

A convivência do centro com a periferia nunca foi pacífica. A violência está enraizada no alicerce da base social e a sociedade faz ouvidos moucos à alteridade, colocando o Outro em lugar de inferioridade envergonhada. Existe a tentativa de participar do centro, o lado inalcançável e desconhecido. A vontade do indivíduo negro presente no texto é assumir-se enquanto sujeito – sua pele, seus traços seus cabelos – e ir contra as formas de branqueamento impostas socialmente. Em suma, querer-se negro:

A voz que ouvia era no início, a da mãe mandando-o cortar sempre o cabelo, alegando que assim ficava mais bonito. Tinha vontade de trançá-lo [...]. Quando saía de casa, a preocupação maior da mãe era se ele levava consigo os documentos e, se possível, um livro para dar mais credibilidade [...]. Certa vez, dizendo precisar verificar sua identidade, um policial apertou seu rosto contra a parede e, enquanto procurava não se sabe o quê, apalpava-lhe descaradamente a bunda, rindo como se tudo aquilo fosse uma brincadeira.” (SANTOS, 2002, p. 30.)

Neste conto, temos mais duas imagens particularmente interessantes: a descrição do corpo de Anita, namorada do Sr.Smith, e a conversa de Anita com sua mãe e sua avó mortas. A descrição de Anita desconstrói a visão estereotipada da representação do corpo negro feminino, geralmente como um corpo sujo, bandido, que não desperta desejo, ou então como exótico e sensual. Na imagem descrita, o corpo negro é valorizado e representado como belo objeto de amor e desejo.

Anita estava bem ali, a um passo, a um toque de sua mão. Ele a desejava tanto que, agora, diante daquela pele que brilhava lindamente escura, sentia medo. “[...] acariciava os crespos cabelos de Anita...” (SANTOS, 2002, p. 31)

Já o trecho abaixo mostra o resgate da tradição negra pelo encontro de três gerações, Anita, sua mãe e sua avó permanecem juntas trançando seus cabelos, “construindo caminhos” e perpetuando a beleza afro-descendente. A personagem resgata a história e a tradição no reconhecimento de si mesma, vendo no espelho, em seu reflexo, as gerações que a precederam e os caminhos que o passado e o presente traçam/trançam.

[...] Anita estava em frente ao espelho [...] falava com a mãe e com a avó [...] não se tratava de nenhum tipo de feitiçaria, a verdade é que vez por outra a

mãe vinha trançar-lhe os cabelos e a avó vinha trançar os cabelos de sua mãe. E aquelas três gerações de mulheres ficavam ali frente ao espelho, desenhando mapas, construindo caminhos em suas cabeças.” (SANTOS, 2002, p. 31)

Nos contos de Jussara Santos sobressai o respeito às crenças ancestrais de seus personagens.

Em “Da barriga do abutre”, o narrador, tomado por uma visão (hábito herdado de sua avó), tem diante de si a imagem de um abutre que caminha com as vísceras abertas e cada víscera corresponde a uma história. São três vísceras, três *flashes* cinematográficos de histórias diferentes que abordam o preconceito, a marginalidade, a violência, o tráfico de drogas e suas consequências. Na primeira víscera, temos a história de Lia, uma menina pobre de oito anos, que ajudava a mãe lavadeira. Lia via o trabalho da mãe ser explorado e mal remunerado e se revoltava. Sonhava entrar no clube onde o tio “fazia uns serviços”, mas no cartaz dizia: “era expressamente proibida a entrada de pessoas de cor naquele RElcinto de segurança.” (SANTOS: 2002, p. 49)

Na segunda víscera, dois meninos brincam de roleta russa e um deles é atingido. A terceira víscera narra a história de Zé, um garoto que se envolve com o tráfico de drogas e acaba vítima da violência no morro.

[...] Uma entrega mal feita e o resultado estava ali. Laranja, bucha de canhão, aviãozinho cravado de balas, com as vísceras sujas de areia misturando-se com as vísceras expostas do abutre. Zé ainda pediu a minha avó:
- Conta vó, conta uma história sem vísceras pra mim. (SANTOS, 2002, p. 49).

As vísceras do abutre podem ser lidas como vísceras da sociedade, a visão do narrador é o olhar agudo sobre esta sociedade - abutre de feridas abertas. O personagem Zé é uma cria do morro, a representação de um indivíduo ignorado. As feridas de Zé misturam-se às vísceras do centro que o expeliu. Este ser marginalizado pede para ser ouvido, pede uma história “sem vísceras”, solicita o direito de ser criança, sem o peso e a dor das feridas da sociedade onde vive.

Na ficção de Jussara Santos, o subjugado é um ser pensante, consciente seja ele instruído (como a professora do conto “de flores artificiais”), seja o pivete do conto “A vez da caça”, que no silêncio encontrou uma forma de reação. Este ser representado reflete, indaga, busca. A descrição do real também se dá pelo uso do fantástico. Em “Sob as asas de seda azul do Sr. Smith”, a autora usa a sugestão e a linguagem poética para refletir sobre o preconceito. Sr Smith busca no vôo suicida a expressão do grito silenciado do negro que sofre a discriminação racial.

Olhar agudo sobre a realidade da minoria periférica, a escrita de Jussara Santos enreda o leitor numa narrativa que mostra moradores de rua, segundo explicita no conto *A vez da Caça* “o odor de urina e jornal”, o ambiente citadino, com o barulho dos carros, buzinas, músicas e a violência nos morros, bem como o cheiro erótico de pêssego e a procura inebriante do conto “*Das duas palavras ditas ao coronel*”. As reflexões ultrapassam o momento de leitura deste texto e os personagens e cenas, por serem tão próximos do real, prolongam-se no imaginário do leitor.

* Mestre em Literatura Brasileira pela FALE/UFMG